

~ Série Castles Ever After ~

TESSA DARE

***Romance com
o Duque***

TRADUÇÃO: A C Reis

 GUTENBERG

*“É isso”, ele disse, afinal.
“Você vai embora deste lugar do
mesmo jeito que entrou.”*

Ele se abaixou, agarrou as pernas dela e a colocou no ombro – com a facilidade de um homem que já carregou muitas mulheres dessa forma. Com certeza essa não era a primeira vez que Ransom jogava uma mulher na rua.

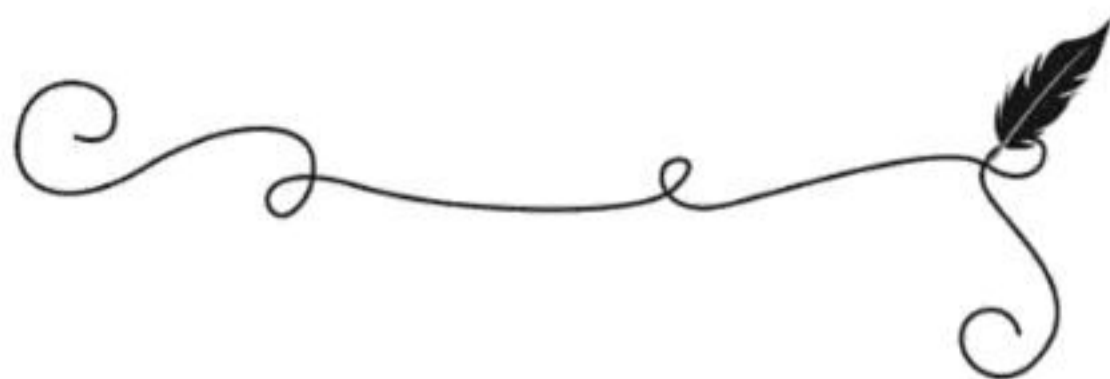
Mas era, com certeza, a primeira vez que Izzy seria jogada. E ela não fazia ideia de como reagir. Bater os punhos nas costas dele? Espernear e gritar? Mais tarde ela pensaria em uma dúzia de reações, respostas espirituosas e trélicas inteligentes. Mas naquele instante, todo seu sangue corria para a cabeça e sua mente era um vazio quente e latejante.

Ele a chacoalhou no ombro e apertou suas nádegas com o braço.

“Aqui não tem nada para você!”

As palavras desdenhosas libertaram a língua de Izzy.

“Você está errado!”, ela exclamou. “Tem, sim, Alteza. Mais do que você pode imaginar. Mais do que qualquer um pode imaginar. Você pode me carregar para fora, se quiser. Mas eu vou voltar. De novo e de novo. Quantas vezes forem necessárias. Porque agora este é o meu castelo. E eu não vou embora daqui!”



Capítulo Um

O nome Isolde Ophelia Goodnight prometia, de fato, uma vida de tragédias. Izzy percebia isso ao analisar sua situação: órfã de mãe, ainda nova, e agora também de pai. Sem dinheiro. Sem amigos. Mas nunca sem esperança. Não ainda. Não muito...

Porque o nome Isolde Ophelia Goodnight também sugeria romance. Um romance arrebatador, impossível, legendário. E desde que se conhecia por gente, Izzy esperava – com pouca fé e muita impaciência – que essa fase de sua vida começasse.

Depois que ficou velha o bastante para entender a morte de sua mãe, Izzy se consolou com a ideia de que tudo isso fazia parte de sua própria história épica. As heroínas dos contos de fada eram sempre órfãs de mãe.

Quando seu pai gastou mais do que podia e a empregada teve que ser dispensada, ela disse para si mesma que o trabalho duro um dia seria recompensado. Todo mundo sabe que a Cinderela teve que esfregar o chão antes de conquistar o príncipe encantado.

Na época dos seus 15 anos, as finanças tinham melhorado, graças ao sucesso literário de seu pai. Não foi nesse momento que o príncipe apareceu, mas ainda havia tempo. Izzy dizia para si mesma que seu corpo também cresceria – não só o seu nariz – e que seu cabelo crespo, um dia, iria se acalmar.

Ela não cresceu mais que o nariz e o cabelo não se acalmou. O patinho feio não se transformou em cisne naquela casa.

Seu aniversário de 17 anos chegou sem que ela tivesse espetado o dedo em uma roca de fiar.

Aos 21, a vida lhe impôs uma verdade difícil em algum ponto da estrada entre Maidstone e Rochester. Os ladrões reais não eram

diabolicamente charmosos nem brutalmente atraentes. Eles queriam dinheiro, e queriam logo, e Izzy devia se dar por satisfeita por eles não terem se interessado por ela.

Um a um, ela foi perdendo todos os seus sonhos de menina. Então, no ano passado, seu pai morreu, e todas as histórias se acabaram por completo. O dinheiro acabou logo depois disso. Pela primeira vez em sua vida, Izzy estava à beira do mais puro desespero.

Sua sede de romance desapareceu. No momento, ela se contentaria com pão. Quais contos de fada restavam para uma mulher comum, empobrecida, de 26 anos e que nunca tinha sido beijada?

Apenas este. Ela apertou a carta em sua mão. Lá estava, em tinta preta no papel branco. Sua última esperança. Ela fez força para não apertar demais, com receio de esmigalhar a carta.

Prezada Srta. Goodnight,

É meu dever como executor informar-lhe que o Conde de Lynforth faleceu. Em seu testamento, ele deixou para você – e para cada uma de suas afilhadas – um legado. Por favor, procure-me no Castelo Gostley, perto de Woolington, no condado de Northumberland, no próximo 21 de junho para resolvermos os detalhes da sua herança.

*Atenciosamente,
Frederick Trent, Lorde Archer*

Uma herança. Talvez pudesse chegar a cem libras. Até vinte seriam uma fortuna. Ela estava reduzida a moedas.

Quando o Castelo Gostley apareceu à sua frente, Izzy engoliu em seco. A distância, até que ele parecia romântico. Uma série de torres desiguais e muralhas compridas, com ameias, elevando-se em meio a campos verdejantes. Mas a vegetação ao redor havia se tornado tão densa e desordenada, devido à falta de cuidado, que quando o castelo se elevou à sua frente, Izzy se encolheu, amedrontada, sob sua sombra.

O castelo não era acolhedor nem encantador. Era sombrio. Ameaçador. Izzy quase teve medo que o castelo pulasse em cima dela.

“Chegamos, senhorita.” O cocheiro não pareceu ter uma impressão

melhor que a de Izzy. Ele fez seus animais pararem junto ao barbacã, uma guarita de pedra construída a certa distância do castelo.

Após ajudá-la a descer da carruagem, ele levantou o colarinho do casaco e descarregou a bagagem – uma única valise surrada. Ele a carregou até os degraus de pedra da antiga guarita e voltou rapidamente para trás, enfiou as mãos nos bolsos e pigarreou, esperando.

Izzy sabia o que o homem queria. Ela o pagou em Woolington – ele não aceitou transportá-la sem que recebesse o pagamento adiantado –, mas agora ele queria uma manifestação adicional de gratidão. Izzy pescou uma moeda em sua bolsa. Restavam tão poucas moedas que sua bolsa nem tilintava.

O cocheiro guardou a moeda e tocou o chapéu em reconhecimento.

“Qual é o seu nome mesmo, senhorita?”

“Goodnight. Srta. Izzy Goodnight.”

Ela esperou para ver se ele teria alguma reação. A maioria das pessoas alfabetizadas da Inglaterra reconheceria o nome, bem como muitos de seus criados domésticos.

“Tá”, foi só o que o cocheiro resmungou. “Eu só queria saber. Alguém pode perguntar. Se a gente nunca mais ouvir falar de você.”

Izzy riu, esperando que ele também risse. Mas ele não riu.

Logo, condutor, animais e carruagem não eram nada além das rodas rangendo ao longe na estrada.

Izzy pegou sua valise e entrou no barbacã. Uma ponte de pedra atravessava o que já tinha sido um fosso, mas que agora era apenas um fio de água verde e cheia de limo.

Ela tinha pesquisado um pouco antes da viagem. Não havia muito o que ler. Apenas que o Castelo Gostley tinha sido, no tempo dos normandos, a sede do Ducado de Rothbury.

Não parecia habitado agora. Não havia vidro em muitas janelas. Nenhuma luz nelas, também. Deveria existir uma grade corrediça ali, que pudesse ser baixada para fechar a entrada, mas não havia nada. Nem porta nem portão.

Ela passou por baixo da arcada e chegou ao pátio central.

“Lorde Archer?” A voz dela sumiu no ar. Ela tentou de novo. “Lorde Archer, você está aí?” Dessa vez, sua voz ganhou um eco respeitável nas pedras. Mas nenhuma resposta. Ela estava sozinha.

Atordoada pelo local estranho em que se encontrava e fraca de fome, Izzy fechou os olhos e respirou profundamente.

Você não pode desmaiar. Só tolinhas e tuberculosas desmaiam e você não é nada disso.

Então começou a chover. Gotas grandes e pesadas de uma chuva de verão – do tipo que sempre lhe pareceram libidinosas e pervertidas, aquelas gotas de verão bêbadas e gordas, gargalhando e se jogando alegremente na terra.

Ela estava ficando toda molhada, mas a alternativa de buscar abrigo debaixo de um dos arcos sombrios era muito menos atraente.

Um farfalhar abafado fez com que ela pulasse e se virasse. Era apenas um corvo alçando voo. Ela assistiu ao pássaro sobrevoar a muralha do castelo e se afastar.

Izzy soltou uma risada. Sério. Aquilo era demais. Um castelo imenso, desocupado, chuva e também corvos? Alguém estava lhe pregando uma peça de mau gosto.

Então ela viu um homem do outro lado do pátio, parado sob uma arcada escura. E se ele fazia parte daquela peça, não era nem um pouco de mau gosto.

Existem coisas na natureza cuja beleza vem de sua estrutura delicada e simetria perfeita – flores, conchas marinhas, asas de borboleta –, e existem as coisas que são lindas por seu poder natural e por sua recusa em serem dominadas, como montanhas cobertas de neve, nuvens de tempestade, leões descabelados com dentes afiados.

Aquele homem diante dela? Ele pertencia, sem nenhuma dúvida, à segunda categoria. Assim como o lobo sentado aos pés dele.

Não podia ser um lobo, Izzy disse para si mesma. Devia ser um tipo de cachorro. Fazia tempo que os lobos tinham sido extintos daquela região. O último lobo da Inglaterra morreu décadas atrás.

Se bem que ela pensava que esse tipo de homem também estava extinto...

Ele se mexeu e uma fenda de luz fraca revelou a metade inferior de seu rosto. Izzy reparou nos lábios largos, finos e sensuais. Um maxilar anguloso, escurecido pela barba por fazer. O cabelo comprido que roçava o colarinho. Ele vestia apenas uma camisa, aberta no pescoço por baixo do paletó. Calças de camurça justas da cintura magra até as coxas

musculosas... e dali suas pernas desapareciam dentro de botas encharcadas e sujas.

Oh, céus. Izzy tinha mesmo uma queda por homens calçando botas surradas. Elas a deixavam desesperada para saber por onde aqueles pés tinham andado.

O coração dela bateu mais rápido. Isso não a ajudou com sua tontura.

“Você é Lorde Archer?”, ela perguntou.

“Não.” A palavra saiu em voz baixa, implacável.

A fera a seus pés rosnou.

“Oh. Lorde Archer está aqui?”

“Não.”

“Você é o zelador?”, ela perguntou. “Lorde Archer está para chegar?”

“Não. E não.”

O que era aquilo na voz dele? Ele estava achando graça?

Izzy engoliu em seco.

“Eu recebi uma carta de Lorde Archer. Ele me pediu que o encontrasse aqui, nesta data, a respeito de negócios com o espólio do finado Conde de Lynforth. Parece que ele me deixou algum tipo de herança.” Ela mostrou a carta, que lhe estendeu com a mão trêmula. “Aqui está. Você gostaria de ler?”

“Não.” A sombra de um sorriso surgiu em seus lábios.

Izzy retraiu a mão com o máximo de calma que conseguiu reunir e guardou a carta no bolso.

Ele apoiou um ombro na arcada.

“Nós não vamos continuar?”

“Continuar o quê?”

“Com o jogo.” A voz dele era tão baixa que parecia rastejar até ela pelas pedras que pavimentavam o pátio, para então penetrar nela pelas solas de seus pés. “Eu sou um príncipe russo? Não. Minha cor favorita é amarelo? Não. Eu me oporia a você entrar e tirar cada peça de roupa molhada?” A voz dele fez o impossível. Ficou ainda mais baixa. “Não.”

Agora ele estava só se divertindo com ela. Izzy apertou sua valise junto ao peito. Ela não queria que Bola de Neve ficasse molhada.

“Você trata todas as suas visitas assim?”

Idiota. Ela se xingou mentalmente e se preparou para outro “não” debochado.

“Só as bonitas”, ele respondeu.

Oh, Senhor. Ela já devia ter imaginado. A fadiga e a fome estavam afetando seu cérebro. Ela podia acreditar no castelo, nos corvos, na aparição repentina de um homem alto, sensual e atraente. Mas agora ele estava flertando com ela? Izzy só podia estar alucinando.

A chuva continuava se derramando, impaciente para chegar das nuvens à terra. Izzy ficou observando as gotas que pingavam nas pedras do pátio. Cada uma delas parecia tirar uma lasca da força de seus joelhos.

As paredes do castelo começaram a girar. Sua visão escureceu nas bordas.

“Eu... Me desculpe, eu...”

A valise caiu no chão. A fera rosou para ela. O homem saiu das sombras. E Izzy caiu desmaiada.



A garota desabou no chão com um baque, espirrando água para todo lado.

Ransom estremeceu com aquela ironia. Apesar de tudo que tinha acontecido, ele ainda fazia as mulheres desmaiarem. De um jeito ou de outro.

Ele deu um comando em voz baixa ao cachorro. Depois que este terminou sua inspeção com o focinho molhado, Ransom afastou o animal e fez sua própria investigação.

Ele passou as mãos pelo amontoado inerte de articulações e membros diante de si. Musselina molhada, botas gastas. Mãos pequenas, punhos finos. Não havia muita mulher ali. Ela parecia ser metade anáguas e metade cabelo.

E, Deus, que cabelo. Espesso, cacheado e abundante.

Ele sentiu o bafo quente da respiração dela em sua pele e desceu a mão, à procura das batidas do coração da garota.

Sua palma roçou um seio arredondado.

Um surto de... alguma coisa... passou por ele, de repente. Não foi desejo, apenas um despertar de sua virilidade. Aparentemente, ele devia parar de pensar nela como “uma garota”. Ela era, com certeza, “uma

mulher”.

Ransom praguejou. Ele não queria visitas. Principalmente visitas femininas. A filha do vigário local, a Srta. Pelham, fora o suficiente. Ela aparecia no castelo quase toda semana, oferecendo-se para ler sermões ou alguma outra bobagem. Pelo menos, quando a Srta. Pelham fazia sua marcha colina acima sob o sol, com a cesta de boas ações pendurada em um braço, ela vinha esperando encontrar um homem em ruínas, cheio de cicatrizes e com a barba por fazer. E ela era sensata demais para desmaiar ao vê-lo. A mulher esparramada diante dele, por outro lado, não esperava encontrar Ransom.

O que ela tinha dito sobre um certo Lorde Archer? Ela tinha uma carta, em algum lugar, que explicava tudo, mas ele não podia se preocupar com isso. Ransom precisava levá-la para dentro – aquecê-la, dar-lhe um pouco de uísque e chá com leite. Quanto antes ela recobrasse os sentidos, tanto antes iria embora.

Ele pegou aquela mulher encharcada e inconsciente em seus braços e se levantou. Depois distribuiu o peso dela, encontrando o ponto de equilíbrio entre os quadris e os ombros da moça, para então começar a subir os degraus que os levariam para dentro.

Ele contou os passos. Cinco... seis... sete... No oitavo passo, ela se remexeu em seus braços. Ele congelou, preparando-se para algo desagradável. Ela desmaiou quando o viu pela primeira vez, se ao acordar se visse sendo carregada por ele, talvez morresse de choque. Ou estourasse os tímpanos dele com um grito. Era tudo que ele não precisava – um problema de audição.

Ela murmurou algo com a voz fraca, mas não acordou. Não, ela fez algo muito pior: se aconchegou.

Virando para o lado, ajeitando-se nos braços dele, ela encostou o rosto em seu peito, em busca de calor. E soltou um gemido tênue e rouco.

Outro surto de... algo... passou por ele. Ransom parou por um momento, absorvendo a energia que o invadiu antes de continuar a subir.

Malditos fossem os deuses. A única coisa que Ransom queria menos do que uma mulher desmaiada era uma mulher aconchegada. Desde que tinha se machucado, ele não gostava de ninguém perto demais. E ele não precisava de aconchego, obrigado. Ele tinha um cachorro.

O animal foi na frente quando ele chegou ao alto da escada e virou para

entrar no grande salão do castelo. Aquele espaço era, mais ou menos, seu acampamento. Ele dormia ali, comia ali, bebia ali, ele... praguejava e se preocupava ali. Seu criado, Duncan, estava sempre querendo que ele abrisse mais aposentos do castelo, mas Ransom não via o porquê disso.

Ele ajeitou a garota – a mulher – no decrepito sofá de crina de cavalo e aproximou o móvel da lareira. Os pés do sofá rangeram no chão de pedra. Ele esperou para ver se ela se mexia... Nada. Ele chacoalhou de leve o ombro dela... Nada.

“Acorde”, ele disse em voz alta. “Olhe só, é Lorde Archer.” Nada.

Ransom puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela. Cinco segundos depois ele se pôs outra vez de pé e ficou andando de um lado para o outro. Vinte e três passos para a janela mais à esquerda e de volta. Ele tinha seus pontos fortes, mas paciência não era um deles. Inatividade o tornava um animal rabugento, mal-humorado.

Quando Duncan voltasse, Ransom poderia enviá-lo à procura de um médico. Mas o criado ainda deveria demorar horas para chegar.

Magnus ganiu e focinhou suas botas. Ransom mandou o cachorro se deitar em seu tapete, perto da lareira. Então ele se agachou ao lado do sofá e colocou a mão no pescoço da mulher. Ele deslizou as pontas dos dedos por aquela coluna delgada e delicada até encontrar o pulso dela. Os batimentos cardíacos estavam mais fracos do que ele achava correto, e rápidos como um coelho. Droga.

Ela virou a cabeça, deslizando a face macia para cima de sua mão. E lá estava ela de novo, aconchegando-se. O toque liberou a sugestão tênue de uma fragrância suave e feminina.

“Tentadora”, ele murmurou com amargura.

Se ele era obrigado a receber em sua casa uma mulher que desmaiava e que gostava de se aninhar, por que não podia ser uma que cheirasse a vinagre e queijo velho? Não, ele tinha que receber uma que cheirasse a alecrim e talco.

Ele apertou o polegar na bochecha molhada de chuva.

“Pelo amor de Deus, mulher, acorde.”

Talvez ela tivesse batido a cabeça nas pedras do piso. Ele levou os dedos ao cabelo desgrenhado dela e puxou os grampos. Havia uma dúzia, pelo que lhe pareceu, e a cada um que Ransom tirava, a massa de cabelo parecia ficar mais revolta. Mais indomada. Os cabelos cacheados se

enroscavam e emaranhavam entre seus dedos, obstruindo o exame que pretendia fazer. Quando ele, afinal, se deu por satisfeito que o crânio dela estivesse intacto, Ransom podia jurar que aquela cabeleira estava viva. E faminta.

Mas o crânio estava intacto, sem calombos ou inchaços que ele pudesse detectar. E ainda assim ela não produzia nenhum som.

Talvez ela tivesse se machucado em outro lugar. Ou talvez o espartilho estivesse muito apertado. Só havia um modo de saber.

Com um suspiro impaciente, ele tirou o paletó e arregaçou as mangas. Rolando-a de lado, ele afastou aquele cabelo predador e lançou os dedos à tarefa de desabotoar a parte de trás do vestido dela. Fazia tempo que Ransom não praticava, mas existem certas coisas que um homem não esquece. Desabotoar a roupa de uma mulher é uma delas... E desamarrar um espartilho é outra.

Enquanto soltava os laços do espartilho, ele sentiu a caixa torácica dela se expandir debaixo de suas mãos. Ela se remexeu e soltou um suspiro gutural, sensual.

Ele congelou. Outro surto de... alguma coisa... pulsou em suas veias, e dessa vez ele não podia ignorar, como se fosse alguma bobagem. Dessa vez era desejo, puro e simples. Ransom estava há um longo e perigoso tempo sem ter uma mulher em seus braços.

Ele procurou ignorar sua reação física. Com movimentos ágeis e decididos, ele puxou as mangas do vestido pelos braços dela, procurando sentir alguma fratura nos ossos. Então ele começou a baixar o corpete até a cintura dela. Ransom não podia deixá-la com aquelas roupas molhadas, pois ela poderia se resfriar.

Ele mereceria muita gratidão dela, quando acordasse, mas por algum motivo ele duvidava que a mulher demonstrasse esse sentimento.



Izzy recuperou a consciência com um sobressalto.

Ela estava em um ambiente fechado, dentro do castelo. Colunas se erguiam ao redor dela como árvores antigas, elevando-se para apoiar o teto arqueado de um grande salão cavernoso.

Olhando em volta, ela viu móveis em diferentes níveis de degradação espalhados pelo salão. A extremidade mais próxima da parede abrigava uma lareira imensa. Izzy teve certeza que, se não fosse o fogo ardendo, ela caberia ali dentro sem precisar se abaixar. As chamas daquela fornalha não eram alimentadas por madeira partida, mas por troncos inteiros de árvore.

Ela estava deitada em um sofá velho e empoeirado. Um cobertor áspero de lã tinha sido jogado sobre seu corpo. Ela espiou por baixo dele e estremeceu. Izzy tinha sido despida de vestido, espartilho, anáguas e botas. Restavam apenas a chemise e as meias.

“Oh, céus.”

Ela levou a mão ao cabelo solto. Sua tia Lilith tinha razão. Ela sempre implicou com Izzy durante os verões que a garota passou em Essex. “Não importa que ninguém vai ver”, a tia guinchava. “Sempre – sempre – use roupa de baixo e meias limpas. Você nunca sabe quando um acidente pode acontecer.”

Oh... bom... Deus. De repente, ela recordou de tudo. A chuva... o desmaio... Izzy olhou para cima e lá estava ele. O Acidente.

“Você acordou”, ele disse, sem se virar para confirmar.

“Acordei. Onde estão minhas coisas?”

“Sua valise está a dois passos da entrada, à direita.”

Izzy torceu o pescoço e olhou para a valise, bem onde ele disse que estaria. Ela não estava aberta nem se mexendo. Bola de Neve devia continuar dormindo. Isso era um alívio.

“Seu vestido está ali.” Ele fez um gesto na direção em que a peça de roupa estava pendurada, no encosto de duas cadeiras, secando junto ao fogo. “Suas anáguas estão penduradas naquela outra mesa, e o espartilho está no outro...”

“Obrigada.” Izzy queria morrer. Toda aquela situação era humilhante. Desmaiar aos pés de um estranho já era constrangedor o bastante, mas ela tinha que ouvi-lo catalogando sua roupa de baixo? Izzy apertou o cobertor junto ao peito. “Você não precisava se incomodar.”

“Você precisava respirar. E eu precisava ter certeza que você não estava sangrando nem tinha quebrado alguma coisa.”

Ela não sabia ao certo por que isso exigia que ele a despisse, deixando-a só com a roupa de baixo. Uma olhada rápida bastaria para verificar se ela

estava sangrando.

“Você está doente?”, ele perguntou.

“Não. Pelo menos, não que eu saiba.”

“Está grávida?”

A gargalhada de Izzy assustou o cachorro.

“Com certeza, não. Não sou o tipo de mulher que fica desmaiando, prometo. Só não comi muita coisa hoje.” Nem ontem, nem anteontem.

A voz dela estava rouca e rascante. Talvez estivesse pegando um resfriado. Isso ajudaria a explicar o desmaio.

Durante toda essa conversa, seu anfitrião permaneceu junto à lareira, de costas para Izzy. O paletó ficava justo nos ombros dele, e um pouco mais solto ao redor do tronco. Talvez ele tivesse perdido peso recentemente. Mas ainda restava bastante corpo ali, magro e firme. Aquele homem era muito parecido com o grande salão que os abrigava. Um pouco mal cuidado, mas de constituição impressionante e forte até os ossos.

E aquela voz. Oh, como era perigosa.

Ela não sabia o que a incomodava mais: que aquele estranho belo e misterioso tivesse tomando tanta liberdade com sua pessoa – carregando-a nos braços, desamarrando seu espartilho, soltando seu cabelo e deixando-a apenas com a mais fina de suas roupas de baixo –, ou que ela, de algum modo, tivesse ficado desacordada durante tudo isso.

Ela olhou mais uma vez para ele, uma silhueta recortada pelas chamas alaranjadas.

A segunda opção. Com certeza, a segunda. Os quinze minutos mais excitantes da sua vida, e ela ficou o tempo todo desacordada. Izzy, sua idiota.

Mas embora ela não se lembrasse de ser carregada da chuva para dentro do castelo, seu corpo tinha memória própria. Por baixo do que restava de suas roupas, ela queimava com a sensação de mãos fortes em sua pele fria. Como se o toque dele estivesse impresso em seu corpo.

“Obrigada”, ela disse. “Foi muita gentileza sua me carregar para dentro.”

“Tem chá. À sua esquerda.”

Uma caneca lascada com líquido fumegante descansava sobre uma mesa próxima – à esquerda dela, como ele disse. Izzy a pegou com as duas

mãos, deixando o calor penetrar em sua pele antes de dar um gole longo e revigorante.

Fogo desceu por sua garganta e ela tossiu.

“O que tem aqui?”

“Leite”, ele respondeu. “E uma gota de uísque.”

Uísque? Ela bebeu de novo, já que não estava em condições de ser exigente. Quando encarada com o devido cuidado, a bebida não era tão ruim. Ao engolir, um calor forte, fumacento, espalhou-se por ela.

Na mesma mesa ela encontrou um pequeno pedaço de pão, que atacou, faminta.

“Quem é você?”, ela perguntou, entre um bocado de pão e outro. A tia Lilith não aprovaria seus modos.

“Sou Rothbury. Você está no meu castelo.”

Izzy engoliu em seco. Aquele homem afirmava ser o Duque de Rothbury? Parecia demais para que ela pudesse acreditar. Duques não deveriam ter criados, que faziam o chá e os vestiam da forma correta?

Que Deus a ajudasse. Talvez ela estivesse com um louco.

Izzy apertou ainda mais o cobertor. Apesar de suas dúvidas, ela não se arriscaria a provocá-lo.

“Eu não me dei conta”, ela disse. “Eu devo tratá-lo por ‘Alteza’?”

“Não vejo motivo para isso. Dentro de algumas horas eu espero que você se refira a mim como ‘Aquele desgraçado mal-educado que eu importunei em uma tarde chuvosa e nunca mais incomodei’.”

“Eu não pretendia causar problemas.”

“Mulheres lindas sempre causam problemas. Queiram elas ou não.”

Mais provocação. Ou mais loucura. Izzy não sabia bem o quê. A única coisa que Izzy sabia, com certeza, era que ela não era nenhuma beleza. Não importava o quanto beliscasse as faces ou prendesse o indomável cabelo cacheado. Ela era comum e não tinha como mudar essa verdade.

Esse homem, por outro lado, era tudo menos comum. Ela o observou jogar mais lenha na lareira. Ele pegou um tronco, grosso como a coxa dela, e o manuseou como se fosse de papel.

“Eu sou a Srta. Isolde Goodnight”, ela decidiu informar. “Talvez você já tenha ouvido falar nesse nome.”

Ele atçou o fogo.

“Por que eu teria ouvido esse nome?”

“Meu pai era Sir Henry Goodnight. Ele era um intelectual e historiador, mas foi mais conhecido como escritor.”

“Então isso explica por que não o conheço. Não sou leitor.”

Izzy olhou para as janelas em arco. A tarde começava a escurecer. As sombras, cada vez mais compridas, a preocuparam, assim como o fato de que ela ainda não tinha visto bem o rosto de seu anfitrião. Izzy começava a ficar ansiosa para vê-lo, para olhar em seus olhos. Ela precisava saber que tipo de homem a tinha à sua mercê.

“Parece que Lorde Archer ainda vai demorar”, ela se arriscou a dizer. “Será que nós podemos acender uma ou duas velas enquanto esperamos?”

Após uma pausa relutante, ele pegou um pedaço de palha, acendeu-o na lareira, e, protegendo a chama com a mão, aproximou-se de uma vela estreita e longa presa sobre a cornija.

Essa pareceu ser uma tarefa difícil para ele. O pavio foi aceso, mas ele manteve a palha no lugar até ela queimar a ponta de seus dedos. Ele praguejou baixo e sacudiu a mão, apagando o fogo.

“Eu não queria incomodar. É só que eu...” Ela não sabia por que iria admitir isso, talvez porque se sentisse culpada por ele ter se queimado para lhe proporcionar conforto. “Eu não gosto do escuro.”

Ele se virou para Izzy, segurando a vela. Um lado de sua boca larga foi baixado. “Eu também não me sinto à vontade.”

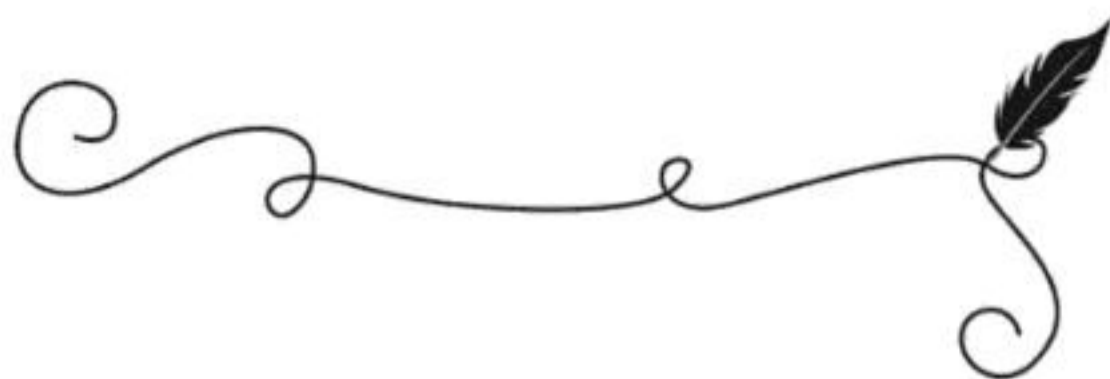
A nova chama projetou uma luz dourada naquele rosto másculo. Izzy estremeceu. As feições dele, aristocráticas e esculpidas, ajudavam a sustentar a afirmação de que ele era um duque. Mas outra característica de seu rosto contava uma história diferente.

Uma cicatriz dramática e irregular, cortava da testa à têmpora, terminando no alto da maçã do rosto. Embora a chama da vela tremulasse e soltasse fagulhas, ele não piscava nem apertava os olhos.

Claro. Aquela constatação ribombou dentro dela. Afinal, alguma coisa naquele dia fazia sentido. Tudo fazia sentido.

O ambiente escuro, sua recusa em ler a carta que ela trouxe, a avaliação manual da saúde de Izzy. As repetidas menções que ele fez à beleza dela, apesar do que deveriam ser amplas as evidências do contrário.

Ele era cego.



Capítulo Dois

Ransom continuou imóvel, deixando que a vela iluminasse sua face mutilada. Ele esteve mantendo distância para poupá-la dessa visão, mas ela pediu mais luz.

Então ele esperou pela reação dela, permitindo-lhe uma inspeção demorada.

Nada de guincho, exclamações de horror ou o baque surdo produzido pelo corpo dela caindo no chão. Não dessa vez. Ela não transpirou nada, a não ser a mesma fragrância provocante de alecrim.

“Obrigada pela vela”, ela disse.

A voz dela era ainda mais atraente do que o aroma. Ela tinha o sotaque de uma moça inglesa protegida – mas com uma característica rouca e sensual.

“Faz muito tempo que você se machucou?”, ela perguntou. “Você se machucou em combate? Em um duelo? Acidente?”

“É uma longa história.”

“Eu gosto de histórias longas.”

Ele depositou a vela sobre a mesa.

“Não desta.”

“Perdão. Eu sei que é muita ousadia minha perguntar. Eu tinha decidido não tocar no assunto, mas então eu pensei, é claro que você deve saber que eu estou pensando nisso. Se eu fingisse um interesse repentino no teto ou no tempo, isso também seria um tipo de insulto. E você parece o tipo de homem que prefere a honestidade – mesmo que seja negativa – à falta de sinceridade. Então, eu só...”, a voz dela caiu meia oitava, “... decidi perguntar.”

Ela ficou quieta. Enfim.

Ele estava irritado com a reação do próprio corpo à presença dela, cuja feminilidade era como um lençol de renda ocupando sua cadeira favorita. Não era algo que ele colocaria em sua sala, mas já que estava lá... ele não podia negar que uma parte machucada e negligenciada de sua alma ansiava por aquela suavidade. E a ânsia era tamanha que doía em seus ossos.

“Muito bem, não vou insistir em ouvir a história por trás disso”, ela falou, o tom de voz despreocupado. “Mas saiba que, provavelmente, vou inventar uma.”

“Invente quantas histórias você quiser. Só não faça de mim o herói em nenhuma delas.”

“Quando Lorde Archer chegará?”

Como se Ransom soubesse... Ele não tinha a menor ideia de quem podia ser esse tal de Archer.

“Deve ter havido alguma confusão. Seja quem for que você está procurando, ele não está aqui. Meu criado vai retornar em breve. Vou pedir a ele que acompanhe você até Woolington.”

Ela hesitou.

“Então eu acredito que deva me vestir.”

“Fique à vontade.” Ele fez um gesto de estímulo. “Não tenho um quarto para lhe oferecer. Mas se você ainda não percebeu, não precisa esperar que eu olhe para o outro lado.”

Ainda assim, ele se virou para a parede. Ransom estalou a língua, chamando Magnus para perto.

Atrás dele, passos ligeiros atravessaram a sala. O farfalhar das anáguas provocou seus sentidos. Ele estendeu a mão para baixo, para afagar o cachorro.

“Há uma verdadeira montanha de correspondência na sua mesa”, ela reparou. “Tem certeza de que Lorde Archer não escreveu para você?”

Ransom ponderou. Ele não podia ter certeza de nada que dissesse respeito à correspondência escrita. Duncan tinha muitas habilidades, mas nenhuma delas o qualificava como um bom secretário.

“É só que... estou grata pela oferta de transporte até Woolington”, ela disse. “Mas eu não sei para onde ir a partir de lá. Vejo que você esvaziou minha bolsa sobre a mesa e deve ter reparado como estava vazia.”

Ele tinha reparado. Ela possuía exatamente três xelins e dez centavos

na bolsa. Nenhuma joia de valor. Ele não examinou a valise, mas esta não pesava quase nada.

“Se você me colocar para fora esta noite, não terei para onde ir.”

Ransom percebeu o ligeiro tremor na voz dela.

Ele decidiu não dar atenção a isso. Não conseguia imaginar por que uma jovem faria, sozinha, uma viagem ao centro de Northumberland dispondo de uns poucos xelins.

Mas essa Srta. Goodnight precisava dizer adeus. Ele não lhe queria mal, mas também não tinha nada para lhe oferecer. Se ela procurava por um salvador, tinha encontrado o homem errado.

“Meu criado pode levar você até a igreja da vila”, ele disse. “Talvez o vigário...”

Magnus levantou as orelhas sob sua mão. O crânio do cachorro vibrou com um rosnado baixo, quase inaudível.

Um instante depois, Ransom também ouviu o som. Cascos vindo pela estrada em um ritmo desconhecido. Não podia ser Duncan.

“Pode ser que esse Lorde Archer tenha vindo encontrar você, afinal.”

“Graças a Deus.” Ela soltou um suspiro de alívio.

“É mesmo”, ele concordou.

Em questão de instantes, os passos do intruso soaram no pátio.

“Alguém aí? Srta. Goodnight?”

Ela correu para a janela e gritou.

“Aqui em cima, meu lorde. No salão principal.”

Depois que o homem entrou no salão, caminhou com decisão na direção dos dois, perto da lareira. Confiante, seguro. Rápido demais.

Ransom cerrou os dentes. Droga, ele detestava isso. Estar sempre em desvantagem, incapaz de controlar a situação.

O atizador da lareira estava perto de sua mão. Ele o pegou.

“Pare aí mesmo”, ordenou Ransom.

Os passos cessaram a cerca de três metros. Ele sentiu uma nova fonte de escrutínio queimar em seu rosto marcado.

“Você é...? Não pode ser.” O recém-chegado deu um passo adiante.

“Rothbury? Bom Deus! É como ficar diante de um fantasma.”

“Eu não conheço você”, afirmou Ransom.

“Não, mas eu conheço você.” Archer baixou a voz para um sussurro.

“Eu estava na lista de convidados. Do lado da noiva.”

Ransom rangeu os dentes e manteve o rosto impassível. Ele não daria àquele vira-lata o prazer de uma reação.

“Ninguém vê você há meses”, Archer continuou. “Na cidade todos pensam que está morto.”

“Bem, os boatos estão errados.”

A verdade era ainda pior.

Ransom deu uma batida significativa com o atizador na pedra. Aquele era o castelo *dele*. Ele não respondia perguntas ali. Ele as fazia.

“Explique-se”, ordenou Ransom. “O que você está fazendo, atraindo mulheres inocentes para a minha casa?”

“Sua casa?” Archer riu de forma baixa e desconcertante. “Isso vai ser interessante...”



Izzy sentia como se tivesse entrado no terceiro ato de uma peça de teatro. Ela não fazia ideia do que estava acontecendo, mas era algo insuportavelmente dramático.

Lorde Archer realmente tinha o jeito de um ator de boa aparência. Ela se sentiu reconfortada pela gravata engomada e pelas luvas bem ajustadas. Sinais de que a civilização ainda existia em algum lugar do mundo.

“Se você me permitir conversar com a Srta. Goodnight”, disse Archer, sem se amedrontar com a arma improvisada que apontava para seu peito, “acredito que todas as suas dúvidas serão esclarecidas.”

O Duque de Rothbury – parecia que ele *era* o duque, afinal – baixou o atizador. De má vontade.

“Fale”, ele ordenou.

Lorde Archer se virou para Izzy. Ele sorriu e esfregou as palmas das mãos.

“Eu estava muito ansioso para conhecer a famosa Izzy Goodnight. Minhas sobrinhas vão ficar verdes de inveja.” O entusiasmo dele foi diminuindo enquanto ele a observava. “Mas devo dizer que você não é exatamente o que eu esperava.”

Izzy conteve um suspiro. Ela nunca correspondia às expectativas.

“Eu sempre imaginei você como uma criança de olhos grandes”, ele

disse.

“Eu tinha 12 anos quando as histórias do meu pai começaram a aparecer na *Revista dos Cavalheiros*. Mas isso já faz quase catorze anos. E, como manda a natureza humana, eu envelheci um ano a cada ano que se passou.”

“Sim”, ele balançou a cabeça. “Eu imagino que você tenha envelhecido.”

Izzi apenas sorriu como resposta. Há muito ela tinha desenvolvido o hábito de racionar seus comentários quando falava com os admiradores de seu pai. Os Lordes Archers desse mundo não queriam que Izzy fosse uma mulher crescida com seu próprio conjunto de gostos e desgostos, sonhos e desejos. Eles queriam que ela fosse a garota de olhos grandes das histórias. Dessa forma eles poderiam continuar a ler e reler seus amados contos, imaginando-se no lugar dela.

Pois esse era o encanto dos *Contos de Goodnight*. Quando os leitores deleitavam-se com cada episódio semanal, sentiam-se aconchegados debaixo daquela colcha púrpura. Eles se viam olhando para o teto pintado com luas prateadas e estrelas douradas, o cabelo espalhado sobre o travesseiro para a mão de um pai amoroso acariciar. Eles esperavam pela mesma promessa, já conhecida, dos textos do pai:

Feche os olhos, minha querida Izzy, que eu vou lhe contar uma história...

A verdade sobre a infância dela não combinava com o que foi impresso naquelas revistas. Mas quando ela deixava isso escapar – oh, como as pessoas se ressentiam dela. Esses leitores olhavam para Izzy como se ela tivesse arrancado as asas da Fada Madrinha.

Lorde Archer sentou no braço do sofá, inclinando-se na direção dela, confiante.

“Diga, eu sei que devem perguntar isso para você o tempo todo. Mas minhas sobrinhas me matariam se eu não tentasse. Será que seu pai...”

“Não, meu lorde.” Ela forçou um sorriso. “Eu não sei como Cressida foge da torre. E receio não ter ideia de qual seja a verdadeira identidade do Cavaleiro das Sombras.”

“E Ulric continua pendurado naquele parapeito?”

“Até onde eu sei. Sinto muito.”

“Deixe para lá.” Ele lhe deu um sorriso simpático. “Não é sua culpa. Você deve se sentir mais torturada pelas dúvidas do que qualquer outra

pessoa.”

Você não faz ideia.

Izzy, com certeza, era quem se sentia mais torturada pelas dúvidas. Ela ouvia essas mesmas perguntas pelo menos três vezes por semana, pessoalmente ou por meio de cartas. Quando seu pai morreu de repente devido a uma apoplexia, sua saga – que ainda estava sendo escrita – também foi interrompida. Seus amados personagens foram deixados em todos os tipos de situações perigosas. Trancados em torres e pendurados em precipícios.

Izzy se via na situação mais desesperadora. Despojada de todas as suas posses e expulsa do único lar que tinha conhecido. Mas ninguém pensava em perguntar como *ela* estava. Todos se preocupavam com Cressida trancada na torre e seu amado Ulric pendurado no parapeito.

“Meu pai ficaria muito grato pelo seu interesse”, disse Izzy. “Eu também fico.” E era verdade. Apesar de sua situação atual, ela sentia orgulho do legado de Goodnight.

O duque pigarreou, junto à lareira.

“Meu lorde”, Izzy disse. “Acredito que nosso anfitrião gostaria que fôssemos embora. Posso lhe perguntar sobre a herança que meu padrinho me deixou?”

“Ah, sim.” Lorde Archer remexeu em uma pequena maleta. “Eu trouxe todos os documentos. Podemos resolver tudo hoje. Rothbury pode entregar a chave hoje, se houver alguma.”

“Chave?”, ela se endireitou no sofá. “Não estou entendendo.”

“Sua herança, Srta. Goodnight, é isto aqui. O castelo.”

Ela ficou sem fôlego.

“O quê?”

Com uma voz sombria, o duque também protestou.

“Impossível!”

Lorde Archer apertou os olhos para os documentos.

“Aqui estamos”, ele começou. “Para a Srta. Isolde Ophelia Goodnight eu deixo a propriedade conhecida como Castelo Gostley’. Pronuncia-se ‘Ghostly’ ou ‘Ghastly’?”, perguntou Lorde Archer. “Parece certo dos dois jeitos.”

“Eu pensei que a herança fosse dinheiro”, disse Izzy, sacudindo a cabeça. “Cem libras, talvez duzentas.”

“Não tem dinheiro, Srta. Goodnight. Apenas o castelo. Lynforth tinha várias afilhadas, e parece que ele as presenteou com poucos cavalos ou fitas para o cabelo ao longo dos anos. Nos últimos meses de sua vida ele decidiu dar o sonho de toda garota para cada uma das afilhadas; seu próprio castelo.”

“Espere um pouco”, o duque interrompeu. “Este castelo está na minha família há centenas de anos.”

Archer consultou os papéis antes de falar.

“E parece que foi vendido para Lynforth alguns meses atrás.” Ele olhou por sobre os papéis, observando Izzy. “Eu estou vendo que você parece surpresa com isso.”

“Estarrecida, na verdade”, Izzy admitiu. “O conde era gentil comigo, mas ele nem mesmo era meu padrinho. Não de verdade. Ele foi o patrono do meu pai na Corte.”

Izzy tinha encontrado Lorde Lynforth algumas vezes, sendo a mais recente quando seu pai recebeu o título de cavaleiro. Nessa ocasião ilustre, o querido velhinho entregou para Izzy um bombom, que trazia no bolso do colete, e lhe fez um cafuné. Não importava que ela estivesse a alguns dias de seu aniversário de 22 anos. A intenção dele foi boa.

E agora o bom velhinho tinha lhe deixado um castelo? *Um castelo!*

Archer colocou um maço de papéis na mão de Izzy.

“Está tudo aí. Uma cópia do testamento, a escritura da propriedade. Este castelo – e tudo dentro dele – agora é seu.”

Ela piscou várias vezes, encarando o calhamaço de papéis.

“O que eu vou fazer com este lugar?”

“Se não quiser morar nele?” Lorde Archer olhou para o teto muito alto e deu de ombros. “Eu imagino que você possa reformá-lo. E tentar vend...”

Um estrondo.

Izzy se abaixou quando alguma coisa explodiu na parede oposta. Ela olhou ao redor em busca da origem da explosão, mas não precisou procurar muito. Em outra assustadora explosão de fúria, o duque ergueu mais uma cadeira e a arremessou contra a parede.

Outro estrondo.

Pedaços de madeira caíram no chão. Em seguida, o duque ficou parado, ofegante, com cada músculo tensionado e retesado. Ele era um retrato magnífico, etéreo e inegavelmente *viril* da raiva. Izzy estava dividida entre

admiração e medo.

“Ela não pode ficar com o castelo!”, ele exclamou. “Ela não pode morar nele ou reformá-lo para vender.” Ele bateu o punho fechado no peito e os pelos no braço de Izzy ficaram eriçados. “Eu sou Ransom William Dacre Vane, o décimo-primeiro Duque de Rothbury. Este é o *meu* castelo.”

O cachorro-lobo rosnou. A tensão cresceu e tomou conta do salão, chegando até o teto arqueado.

Lorde Archer mexia nos papéis à vontade. Ignorando o fato de que parte da mobília tivesse explodido há pouco.

“Sim, bem, duque ou não... as coisas não parecem estar dando certo para você ultimamente. Certo, Rothbury?”

O duque não respondeu. A não ser que fúria incontrolável pudesse ser considerada uma resposta – e nesse caso, sua resposta foi veemente.

“Receio que os documentos sejam bem claros”, afirmou Archer. “O castelo agora pertence à Srta. Goodnight.”

“Não pode ser”, respondeu o duque. “Porque eu não o vendi.”

“Quando um homem desaparece da face da Terra por sete meses, acredito que seus advogados começam a cuidar das coisas.” Archer olhou para a comprida mesa atulhada de envelopes não abertos. “É provável que a informação esteja em algum lugar daquela avalanche postal.”

Izzy olhou para os papéis em sua mão. Ela chegou com uma bolsa vazia e a barriga roncando. E ela continuava com a bolsa vazia e a barriga roncando. Mas agora possuía um castelo. E não qualquer castelo, mas um que já vinha com um duque.

“Muito bem, então. Está feito. Vou embora.” Depois de fechar a maleta com um estalido, Lorde Archer pegou sua mala e se moveu em direção à saída.

“Espere!” Izzy correu atrás dele, segurando-o pela manga. Ela baixou a voz. “Você pretende simplesmente me deixar aqui? Sozinha, neste... neste castelo assustador e fantasmagórico? Certamente não.”

“Srta. Goodnight, por mais que eu adorasse a possibilidade de passar mais tempo neste lugar encantador, sou um homem muito ocupado. O testamento de Lynforth está me fazendo percorrer toda a Inglaterra, distribuindo estas montanhas de pedra para jovens desavisadas. Eu poderia lhe oferecer uma carona até a vila. Mas com certeza seu cocheiro virá buscá-la em breve, não é mesmo?”

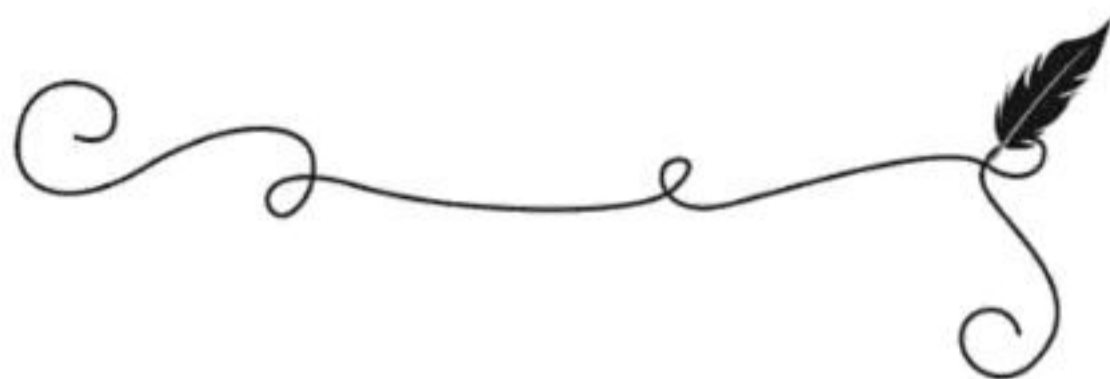
Cocheiro? Claro. Lorde Archer nunca acreditaria que ela estava desamparada – sem dinheiro, lar ou transporte. Ele pressupunha que a magnífica carruagem dela, com seus cavalos brancos, estivesse por perto. E a menos que ela quisesse manchar a memória de seu pai, expondo-o como um perdulário descuidado, Izzy não poderia corrigir essa presunção.

“Sim, ele virá me buscar logo”, ela disse, a voz fraca. “Sem dúvida.”

Lorde Archer olhou ao redor do castelo e depois para ela. Ele franziu o cenho, divertindo-se com alguma coisa, e então fez a coisa mais imperdoável de todas.

Afagou, de modo paternal, a cabeça dela.

“Essa é a pequena Izzy Goodnight. Você adora mesmo uma aventura.”



Capítulo Três

“Bem”, Izzy se arriscou a falar, alguns minutos depois do silêncio sombrio em que Lorde Archer os deixou quando foi embora, “esta situação é constrangedora.”

“Constrangedora.” O duque andava de um lado para outro, balançando os braços ao lado do corpo. Então ele parou de repente e repetiu, “*constrangedora.*”

A palavra ecoou no grande salão, ricocheteando nos arcos do teto.

Izzy ficou parada onde estava. Constrangida.

“A adolescência”, ele começou, “é constrangedora. Comparecer ao casamento de uma antiga amante é constrangedor. Fazer amor andando a cavalo pode ser constrangedor.”

Ela concordava com ele, pelo menos no primeiro exemplo. Izzy teria que aceitar sua palavra com relação aos itens dois e três.

“Esta situação não é constrangedora”, ele declarou. “Isto é traição.”

“Traição?”, ela apertou o maço de papéis. “Tenho certeza de que não fiz nada traiçoeiro, Alteza. Eu não pedi a Lorde Lynforth que me deixasse um castelo. Eu não o conhecia melhor do que conheço você.”

“Este castelo não era de Lynforth para que ele pudesse dá-lo.” A voz dele era baixa e severa. “E você não me conhece nem um pouco.”

Talvez não. Mas bem que ela gostaria. Izzy não podia evitar, ele era interessante demais.

Agora que estavam a sós outra vez, ela aproveitou a oportunidade para estudar o rosto dele. Tirando a cicatriz, a anatomia facial do duque era um cenário altivo e nobre, com maçãs do rosto fortes e um maxilar largo, quadrado. O cabelo era castanho claro, uma juba marrom banhada por fios dourados. Mas os olhos... aqueles eram olhos celtas. Escuros, puxados,

penetrantes e totalmente reservados.

Seria difícil ler aqueles olhos mesmo se ele tivesse visão perfeita. Se não fosse pela dificuldade do duque em manusear a vela, Izzy poderia ter demorado horas para perceber que ele era cego.

Havia uma centena de perguntas que ela queria fazer para ele. Não, eram mil perguntas. E as mais idiotas eram as que clamavam por respostas.

Você já fez mesmo amor enquanto cavalgava?, ela queria perguntar. *Isso é possível? Foi assim que você se machucou?*

“Alteza, eu não pretendo despejá-lo.” Ela imaginava que um homem daqueles não poderia ser *obrigado* a fazer alguma coisa. “Eu não sou sua inimiga. Mas parece que sou sua senhoria.”

“Minha *senhoria*”, ele repetiu, incrédulo.

“Isso. E com certeza nós podemos chegar a um entendimento.”

“Um *entendimento*.”

Ele andou a passos largos até o outro lado do salão, percorrendo o espaço entre os móveis com tanta facilidade que Izzy até sentiu inveja. Ela tropeçava mais do que ele, pois mesmo tendo uma visão perfeita, era totalmente desastrada.

Caso estivesse se recuperando no Castelo Gostley desde o acidente, ele devia ter trabalhado sem descanso para mapear o local em sua cabeça. Ela começou a entender por que ele odiaria ter que ir embora dali. Mesmo que tivesse propriedades melhores em outros lugares, mudar de casa significaria começar tudo outra vez. Izzy não queria ser a proprietária sem coração que expulsaria um cego de sua casa.

Ransom pegou a valise dela no lugar em que jazia, perto da entrada – dois passos à direita da porta, como ele havia dito antes. Então ele andou a mesma distância de volta e a colocou sobre a mesa.

“Entenda uma coisa”, ele disse. “Você vai embora.”

“O quê?” Pânico começou a se formar no peito de Izzy enquanto ela olhava para a valise. “Mas eu não tenho para onde ir, nem meios de ir para algum lugar!”

“Eu não acredito nisso. Se o seu pai era tão conhecido por toda a Inglaterra – com título de cavaleiro, até – você tem que ter dinheiro. Ou pelo menos amigos.”

Aos pés dele, o cachorro-lobo começou a rosnar.

“O que tem nesta valise?”, ele perguntou, franzindo o cenho.

“É minha...” Ela fez um gesto de pouco caso. “Não é nada importante. Eu já lhe disse que não vou pedir que vá embora, Alteza. Mas você também não pode me expulsar.”

“Ah, eu não posso?” Ele abriu o fecho da valise.

“Não, por favor!”, Izzy pediu, pulando para a frente. “Tenha cuidado. Ela está dormindo. Se você a assustar, vai...”

Tarde demais.

Com um grito primitivo de dor, ele puxou a mão de dentro da valise.

“Filha da...”

Izzy estremeceu. Como ela temia, tinha algo pendurado no dedo dele. Uma coisa pequena e dentuça. Um predador branco e marrom.

“Bola de Neve, *não*.”

O cachorro enlouqueceu e começou a pular e latir, tentando alcançar a criatura feroz que atacava seu dono. Ransom xingou e levantou o braço, recuando em círculos, tentando manter os dois animais afastados. Mas Bola de Neve *sendo* Bola de Neve, apertou ainda mais os dentes.

“Bola de Neve!” Izzy tentou cercar as duas feras. “Bola de Neve, solte-o!”

Finalmente, ela subiu na mesa e agarrou o pulso do duque. Izzy utilizou os dois braços para segurar o punho dele e usou todo seu peso para mantê-lo no lugar.

Então ela fez uma pausa, esforçando-se para ignorar a intimidade acidental que aquela posição provocava. O ombro dele era uma pedra encostada na barriga dela. E o cotovelo dele se abrigava, apertado, entre seus seios.

“Fique parado, por favor”, ela disse, esbaforida. “Quanto mais você se debater, mais forte ela aperta os dentes.”

“Não estou me *debatendo*. Eu não me debato.”

Não, ele não se debatia. Ao agarrar o braço dele daquela forma, Izzy percebeu a força que havia naquele corpo. Mas ela também percebeu outra força. O autocontrole dele.

Se ele quisesse, poderia jogar tanto Izzy quanto Bola de Neve contra a parede, com a mesma facilidade com que destruiu aquelas cadeiras.

Ela concentrou até as mãos pararem de tremer e as levou até Bola de Neve. Com os dedos, Izzy obrigou o animal a abrir as mandíbulas

pequeninas.

“Solte-o, querida. Pelo bem de todos nós, solte o duque.”

Ela conseguiu, enfim, fazer com que Bola de Neve soltasse o dedo sangrento do duque.

Todos os seres vivos naquele salão suspiraram.

“Pelos céus, Goodnight!” Ele chacoalhou a mão. “O que é isso? Um rato?”

Izzy desceu da mesa apertando Bola de Neve junto ao peito.

“Não é um rato. É uma doninha.”

Ele xingou.

“Você carrega uma fuinha em sua valise?”

“Não. Eu carrego uma *doninha*.”

“Doninha, furão, fuinha. São todos a mesma coisa”, ele exclamou.

“Não são, não”, Izzy retrucou, afagando a cabeça da pequena Bola de Neve, para acalmá-la. “Bem, talvez sejam... mas *doninha* parece mais digno.”

Ela deitou Bola de Neve em uma mão e coçou a barriga dela com a outra, então a recolocou na valise e abriu a portinha da bola dela – uma gaiola esférica feita de arame dourado.

“Pronto”, Izzy suspirou. “Agora seja boazinha.”

O cachorro rosnou para Bola de Neve. Em resposta, esta retraiu os lábios, mostrando dentes afiados como agulhas.

“Seja uma boa menina”, Izzy sussurrou, mas com firmeza dessa vez. Ela se voltou para o duque. “Alteza, deixe-me ver sua ferida.”

“Não é nada.”

Sem lhe dar ouvidos, ela segurou o pulso dele e examinou a ponta do dedo.

“Tem bastante sangue aqui. É melhor limparmos o machucado. Isso não pode esperar. Talvez nós possamos... Oh.”

Enquanto Izzy tagarelava, Ransom pegou uma garrafa de uísque na mesa e despejou uma dose farta do líquido âmbar sobre a ferida.

Izzy estremeceu só de olhar.

Ele nem piscou.

Então ela pegou um lenço limpo em seu bolso.

“Aqui. Deixe-me ver.”

Enquanto enxugava o ferimento, ela estudou a mão dele. Grande, forte

e marcada por todo tipo de pequenos cortes e queimaduras – alguns ferimentos recentes, outros cicatrizados. No dedo anelar, ele ostentava um anel de sinete de ouro. O brasão oval era imenso. Aparentemente, todas as posses dos duques eram *grandes*.

“A ferida ainda está sangrando”, ela disse. “Devo supor que você não tem um emplastro?”

“Não.”

“Então vamos só aplicar pressão para estancar o sangramento. Pode deixar que eu faço, já cuidei de casos assim antes.” Ela enrolou o lenço no dedo dele e apertou forte. “Pronto. Agora nós esperamos uns dois minutos.”

“Eu aperto.” Ele se afastou com um repelão e pressionou a ferida ele mesmo.

Assim começou o minuto mais longo e carregado de sensualidade da vida de Izzy.

No passado ela sofreu muitas ilusões românticas e amores não correspondidos. Mas Izzy perdeu a paciência com intelectuais melancólicos de tweed e poetas com cabelo desgrenhado e alma angustiada.

O Duque de Rothbury era diferente de qualquer cavalheiro por quem ela tinha se interessado. Ele era firme, inflexível, e mesmo antes de seu acidente, não gostava de ler. E mais, os dois estavam envolvidos em uma disputa pela propriedade, e ele ameaçou jogar Izzy na noite fria de Northumberland. Apesar de tudo isso, a barriga de Izzy abrigava uma festa vertiginosa de grilos e borboletas.

Ele estava tão *perto*. E era tão *alto*. E tão *autoritário*. Tão *másculo*.

O seu corpo, repleto de desejos femininos, queria aceitar esse desafio. Talvez essa fosse a sensação que os alpinistas sentem quando estão diante de uma montanha altíssima, coberta de neve. Exultantes com as possibilidades, mas aterrorizados pelo perigo inerente. Sentindo fraqueza nas pernas.

“Bola de Neve”, ele debochou, apoiando seu peso na borda da mesa. “Você devia mudar o nome dela para Lampreia. Quem tem uma fuinha de estimação, afinal?”

“Eu a ganhei de presente.”

“Quem dá uma fuinha de presente?”

“Um dos admiradores do meu pai.”

“Parece mais é que foi um dos inimigos dele.”

Izzy se colocou ao lado dele e apoiou-se na borda da mesa, resignada a explicar a história toda. Esse era um bom exemplo de como o sucesso literário do pai e a adoração de seu público nunca se traduziram em benefícios práticos.

“Meu pai escrevia uma saga com cavaleiros, donzelas, vilões e feiticeiros... castelos. Tudo que estivesse relacionado ao cavalheirismo romântico. E os contos eram todos desenvolvidos como histórias para a hora de dormir, contadas para mim, a pequena Izzy Goodnight.”

“Por isso Archer estava esperando uma garotinha?”

“Sim. As pessoas sempre esperam encontrar uma garotinha”, ela disse. “A heroína dos contos tinha uma doninha de estimação. Uma doninha *fictícia*, é claro. Um animal corajoso, leal e tão majestoso, pálido e esguio quanto sua dona. E essa doninha *fictícia* conseguia realizar todo tipo de feito astucioso, corajoso e *ficcional*, como libertar sua dona – mastigando suas amarras – quando ela foi sequestrada, pela terceira vez, pelo Cavaleiro das Sombras, que também é *ficcional*. Assim, um entusiasta das histórias do meu pai pensou que seria um lindo gesto dar para a Izzy Goodnight da vida real uma doninha real para ela ter como animal de estimação.”

Isso não seria maravilhoso?, o tolo deve ter pensado. Não seria maravilhoso e encantador?

Bem, não. Não era, na verdade. Nem para Izzy, nem para Bola de Neve.

Uma doninha de verdade não era um animal corajoso, leal e carinhoso. Bola de Neve era esguia e elegante, sim – especialmente quando o inverno transformava sua pelagem espessa e branca. Mas embora pesasse meros duzentos gramas, ela era uma predadora violenta. Ao longo dos anos, Izzy sofreu diversos cortes e mordidas.

“Um presente idiota”, o duque afirmou.

Ela não podia contestar aquela afirmação. Ainda assim, não era culpa de Bola de Neve. Ela não podia deixar de ser uma doninha. Ela nasceu daquele jeito. E estava velha, agora, com quase 9 anos. Izzy não podia simplesmente jogá-la aos lobos. Ou aos cachorros-lobos.

“Eu só consigo pensar”, ela disse, “que Lorde Lynforth seguiu um impulso parecido. Ele pensou que seria um gesto encantador dar à

pequena Izzy Goodnight um castelo de verdade.”

“Se você não quer este presente exagerado”, disse Ransom, “fique à vontade para recusá-lo.”

“Ah, mas este presente não é a mesma coisa que uma doninha. Isto é uma propriedade. Você não entende como isso é raro para uma mulher? A propriedade sempre pertence aos pais, irmãos, maridos e filhos. Nós nunca ficamos com nada.”

“Não me diga que você é uma daquelas mulheres com ideias radicais.”

“Não”, ela retrucou. “Eu sou uma daquelas mulheres que não possuem nada. Existem muitas assim.”

Ela baixou os olhos para o chão.

“Quando meu pai morreu”, Izzy começou, “tudo de valor passou para o meu primo. Ele herdou o lar da minha infância, com todos os móveis. Cada prato no armário e cada livro da biblioteca. Até a renda dos escritos do meu pai. O que restou para mim? Apenas Bola de Neve.”

As mãos dela começaram a tremer. Izzy não podia evitar; ela continuava brava com o pai. Brava por ele ter morrido e brava por ter morrido daquele jeito. Ela o ajudou durante tantos anos, esquecendo-se de construir sua própria vida, e ele nunca pensou em revisar seu testamento para que Izzy ficasse em segurança quando o pior acontecesse. Ele estava sempre ocupado demais *interpretando* o papel de pai amoroso que conta histórias para a filha.

O duque não pareceu se emocionar com aquela história injusta.

“Então você *tem* para onde ir”, ele sugeriu. “Você tem um primo, ele pode sustentar você.”

“Martin?”, ela riu da sugestão. “Ele me despreza desde que éramos crianças. Nós estamos falando do mesmo garoto que me empurrou para dentro de um lago quando eu tinha 8 anos, e ficou rindo na margem enquanto eu me debatia e cuspiam água suja. Ele não me ajudou naquele dia e não vai me ajudar agora. Só tem uma coisa que eu posso fazer. A mesma coisa que eu fiz naquele dia.”

“O quê?”, Ransom perguntou.

“Aprender a nadar”, ela respondeu. “E rápido.”

Ele torceu um canto da boca. Izzy não soube dizer se aquele meio sorriso era de admiração ou de deboche. De qualquer modo, o gesto a deixou ansiosa.

*image
not
available*

“Mas eu não sou um bando de escoceses invasores.” Izzy deixou escapar uma risada. “E nós não vivemos mais no século dezesseis.”

“Não, não vivemos”, ele declarou. “Nós temos leis e tribunais. Se você pretende reivindicar este castelo, vá procurar um advogado. Peça-lhe que examine seus documentos e que escreva para os meus advogados. Eles podem debater a questão o quanto quiserem. O caso vai acabar nos tribunais superiores, um dia. Talvez em três anos, se você tiver sorte.”

Três anos?

Izzy não tinha três anos. Se fosse obrigada a sair, ela não sabia como iria se virar nos próximos três dias. E ela não tinha dinheiro para advogados – muito menos para advogados qualificados para enfrentar um duque.

Ela não tinha outra escolha que não manter sua posição. Comportar-se como se o lugar fosse dela. Se ele tivesse sucesso em expulsá-la agora, ela nunca mais conseguiria passar por aquela porta.

“Se os seus advogados quiserem vir para examinar os documentos, serão bem-vindos, mas eu não vou embora.”

“Eu também não.” Ele franziu o cenho, mas a expressão só marcava o lado de sua testa em que não havia cicatriz. *Se Ransom pudesse enxergar*, pensou Izzy, *ele iria fuzilá-la com os olhos.*

“Não adianta ficar bravo”, ela lhe disse. “Pode ficar furioso à vontade. Pelo amor de Deus, você me pegou nos braços e me tirou da chuva! Eu posso desmaiar de novo só de pensar nisso.”

“Não pense que foi um ato de cavalheirismo.”

“Então o que foi?”

“Senso prático. Eu não poderia deixar você lá. Iria começar a atrair bichos.”

“Minha nossa”, ela sorriu. “Além de tudo também tem senso de humor.”

Aparentemente, ninguém o tinha elogiado recentemente. Parecia até que alguém tinha jogado uma granada nele. Ou um gatinho molhado.

Ele podia ser rico, poderoso, bravo e grande. Mas em pelo menos um aspecto Izzy era melhor que ele. Sobrevivência. Ela sabia como lidar com criaturas espinhosas e também como tirar o melhor de uma situação complicada.

Quando jogada no lago, ela aprendeu a nadar.

*image
not
available*

Mas então, uma parte dele – um canto melancólico e esquecido de sua alma – começou a adquirir uma consciência dolorosa de quão pequena a Srta. Goodnight era e quão sozinha ela estava. E que apesar de todas as suas palavras corajosas, ela tremia.

Bom Deus, Goodnight. O que eu faço com você?

Ele não podia deixá-la ocupar o castelo. Qualquer tipo de acordo para que “compartilhassem” o lugar estava fora de questão. Mas, afinal, que tipo de pessoa era ele? Um bruto cruel, insensível, disposto a enxotar de casa, à noite, uma jovem indefesa?

Ransom não queria acreditar nisso. Não ainda. Ele não desistia de nada com facilidade. E isso incluía os poucos cacos que sobravam de sua alma ferida.

Ele baixou a Srta. Goodnight ao chão, recolocando-a de pé. O corpo dela deslizou pelo seu, como uma gota de chuva descendo pela superfície de uma pedra.

Ransom sabia que iria se arrepender das palavras que diria a seguir. Porque aquilo era a coisa certa a fazer, e se ele tinha aprendido uma coisa na vida, era que toda vez que fazia a coisa certa, ele pagava caro por isso mais tarde.

“Uma noite. Você pode ficar uma noite.”

Ele foi um tolo por gastar todo aquele tempo tentando discutir sobre a posse legal do patrimônio. O próprio castelo a convenceria a ir embora. Depois que passasse uma noite no Castelo Gostley, ela não conseguiria sair correndo dali tão rápido quanto gostaria.

A Srta. Isolde Goodnight teria uma *noite ruim...*



Você pode ficar uma noite.

Izzy sentiu vontade de gritar por sua vitória, mas preferiu se conter.

Ela deu um passo para trás, alisando as saias e o cabelo. Seu rosto queimava, mas pelo menos o duque não podia ver que ela estava corada.

“Só uma noite”, o duque repetiu. “E eu só sugiro isso porque suponho que uma noite neste lugar será suficiente para você.”

Uma vitória pequena, ela admitiu, mas era um começo.

*image
not
available*

Abaixar?

Ela ainda olhava para ele, confusa, quando um barulho estranho chamou sua atenção. O som era como se muita roupa lavada e ainda molhada balançasse no varal durante uma ventania.

Ela se afastou da janela.

Oh, Deus.

Diante dela, o imenso dossel da cama pareceu ganhar vida. Primeiro ele começou a vibrar, depois a ondular – como uma camada de mercúrio ao vento. Então partes dele começaram a se soltar, um por um, um seguindo o outro.

“Ah, não.” Ela ficou rígida. “Não podem ser...”

Mas *eram*.

Morcegos.

Uma colônia de morcegos morava nas partes mais altas do dossel. Eles tinham começado a levantar voo um a um, depois em um pequeno bando... e, de repente, eram centenas de morcegos batendo asas ao mesmo tempo.

Ela se virou – bem a tempo de ver outra nuvem preta, fervilhante, descendo pela chaminé. Deviam ser milhares! E todos estavam voando diretamente para as janelas.

“*Abaixe-se*”, ele ordenou. “Agora.”

Como ela não reagiu de imediato, o duque a envolveu em seus braços e a puxou para o chão.

Os morcegos invadiram o local em segundos, pululando acima deles em uma nuvem preta. Izzy baixou a cabeça e aceitou a proteção que ele oferecia. Ele encostou o queixo na cabeça dela, e Izzy sentiu a barba por fazer raspando em seu couro cabeludo.

O tempo todo o coração dele martelou forte e estável. Izzy agarrou a camisa do duque com as duas mãos, enterrando o rosto em seu peito, escutando o ritmo constante, até aquele ser o único som que ela conseguia ouvir. Nada de asas batendo, nada de guinchos. Apenas o *tum-dum, tum-dum*.

Enfim, ele levantou a cabeça e Izzy fez o mesmo.

“Eu pensei que este era o melhor quarto”, ela disse.

“Não há nada de errado com ele”, Ransom afirmou. “Eles foram embora. Não vão voltar até de manhã. Está seguro, agora.”

Ah, aquilo não tinha nada de seguro. A noite tinha caído e Izzy estava

*image
not
available*

“Os nomes deles estão na escritura. Eu lhe disse que trabalhava como secretária para o meu pai. Eu sei ler um documento legal. Agora, se fizer a gentileza de me soltar, vou lhe dar adeus.”

A mão dele apertou mais o braço dela.

“Não.”

“Não?”, ela repetiu.

“Não.”

Ransom manteve a mão firme no braço da Srta. Goodnight. Depois do que ela tinha acabado de dizer, ele não a deixaria ir a lugar nenhum. Não nessa noite.

“Estou confusa, Alteza. Você acabou de se esforçar bastante para me afugentar.”

Sim, ele tinha se esforçado. Mas isso foi antes de ouvi-la pronunciar os nomes de seus advogados mais confiáveis. Blaylock e Riggett eram os homens que cuidavam de seus negócios há anos. Eles tinham o poder de cuidar de tudo em sua ausência. Mas eles nunca deveriam se desfazer de uma propriedade sem o conhecimento e a anuência dele.

Alguma coisa estava acontecendo. Ransom não sabia o que era, mas ele sabia que não gostava disso.

“Seus esforços deram resultado, Alteza. Parabéns. Estou indo embora. Não tenho nenhum desejo de passar uma única noite naquele quarto horrível.”

“Você não vai embora.”

Ela soltou uma risada que logo se tornou um soluço.

“Você está abrindo mão de sua pretensão à propriedade e entregando o castelo?”

“Não”, ele disse. “E também não estou oferecendo hospedagem em minha casa.”

“Então não consigo ver o que...”

“Estou lhe oferecendo um trabalho. Como minha secretária.”

Ela ficou paralisada quando recebeu esse anúncio.

Diabos. Ransom também não gostava daquilo, mas com aqueles dois nomes – “Blaylock” e “Riggett” – ela deixou dolorosamente claro que Ransom precisava de alguém para ler a correspondência para ele. Ransom tinha propriedades e responsabilidades. Se os seus procuradores estavam cuidando mal dos seus negócios durante sua ausência, milhares de pessoas

*image
not
available*

“Sim, é claro. Perdoe-me tomar essa liberdade, mas eu tinha que perguntar.”

Izzy pensou que teria que arrancar aquela história do próprio duque.

Ao longo de várias viagens, Duncan levou para Izzy sua valise, uma bandeja de comida simples, mas nutritiva, um jarro de água quente e uma bacia.

“Causa-me constrangimento, Srta. Goodnight, que eu não possa lhe oferecer acomodações melhores.”

“Por favor, não se preocupe. Está ótimo.” Qualquer coisa seria ótima, se comparada àquela câmara de horrores com morcegos.

“É tão frustrante. Depois de longos meses vendo todas as minhas tentativas de oferecer um serviço perfeito de camareiro ser recusadas, nós afinal temos uma hóspede no Castelo Gostley. Uma hóspede que deveria ser colocada em uma verdadeira suíte e receber um jantar de sete pratos.” Ele baixou a voz para um sussurro desnecessário. “Você é a Srta. Izzy Goodnight, estou correto?”

Ela aquiesceu.

“Estou surpresa que você tenha ouvido falar de mim. O duque não me conhecia. Ele disse que não é um leitor.”

“Oh, ele não é. Não era. Nem eu, para dizer a verdade. Mas a governanta costumava ler a série do seu pai no alojamento dos empregados. O Cavaleiro das Sombras? Cressida e Ulric? Você pode me contar alguma coisa sobre eles?”

“Não.” Ela balançou a cabeça com tristeza.

“Perdoe-me tomar essa liberdade, mas eu tinha que perguntar.”

Izzy sorriu. Todo mundo tinha segredos.

“Eu compreendo”, ela disse.

Ele saiu e fechou a porta atrás de si.

Quando se viu sozinha, Izzy tentou se sentir à vontade.

Bola de Neve, claro, sentia-se como se tivesse morrido e ido parar no céu. Esse castelo, com seu fornecimento contínuo de roedores, era, para aquele pequeno predador, o equivalente a um dos melhores hotéis de Londres.

Enquanto se despia e trançava o cabelo, Izzy lembrou da sensação das mãos do duque se embaraçando em seus cachos. A tensão aguda entre seus corpos quando os dois se abaixaram juntos, escondendo-se dos morcegos.